



VOZES DISCENTES: PERSPECTIVAS DISCURSIVAS DE APRENDIZADO E ENSINO REMOTO NA PANDEMIA

DISCENT VOICES: THE DISCURSIVE PERSPECTIVE OF LEARNING AND REMOTE TEACHING IN PANDEMIA

Dayane Soares Magalhães¹

Maria Angélica Rosa Fagundes Laranjeira Lessa²

Sidnay Fernandes dos Santos Silva³

Resumo: No presente artigo, buscamos interpretar os posicionamentos discursivos de discentes sobre o aprendizado e ensino remoto em tempos de pandemia, a partir do aporte teórico da Análise do Discurso (AD) de linha francesa de filiação pecheutiana. Situamos as materialidades discursivas analisadas no campo entre o linguístico e o histórico, e consideramos ainda que esses dizeres se constituem no atravessamento do “já lá”, como afirma Pêcheux (2014). Dito de outra forma, é na inter-relação entre o dito (fio do discurso) e o já dito (fio da memória) que desvelamos os deslizamentos de sentidos e o movimento do sujeito, o que nos move a refletir sobre as discursividades do(a)s discentes no que se refere ao aprendizado e ensino remoto. A questão de estudo aponta os sentidos atribuídos pelos discentes brasileiro(a)s ao ensino remoto e ao aprendizado em tempo de pandemia. Os objetivos específicos se alinham ao objetivo geral para: i) identificar em que formações discursivas os discursos destes sujeitos se inscrevem no contexto imediato; ii) analisar a formação de tais discursos, dado que os eles são sempre constituídos de pré-construídos; iii) compreender a posição-sujeito ocupada pelos enunciadores da pesquisa em sua relação com o real da língua e com o real da história. Este estudo está pautado teoricamente nos conceitos de sujeito discursivo posição-sujeito de Pêcheux (2014) e Orlandi (2012), na concepção vozes e ethos de Maingueneau (2020), no conceito de acontecimento de Orlandi (2015) e Pêcheux (2015), nos conceitos de memória e interdiscurso Pêcheux (2014).

Palavras-chaves: Vozes Discentes. Sujeito-discursivo(a). Aprendizado e ensino remoto.

Abstract: In this article, we attempt to interpret the discursive positions of students on remote learning and teaching in times of pandemic, based on the theoretical contribution of Discourse Analysis (DA) of a French line of Pecheutian affiliation. We place the discursive materialities analyzed in the field between the linguistic and the historical, and we also consider that these sayings constitute the crossing of “already there”, as claimed by Pêcheux (2014). In other words, it is in the interrelationship between what is said (thread of speech) and what has already been said (thread of memory) that we unveil the slips of meaning and the movement of the subject, which leads us to reflect on the discursivities of students with regard to remote learning and teaching. The study question points out the

¹ Graduanda do Curso de Letras, Língua portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia, Campus VI, Caetité, Bahia. E-mail: daijanemagalhaes@gmail.com.

² Mestranda do 1º semestre do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), oferecido pela UNEB, DCHT – Campus VI – Caetité. E-mail: angfaglar@gmail.com.

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2014) e Mestrado em Linguística pela mesma instituição (2010). Professora de Língua Portuguesa da Universidade do Estado da Bahia- UNEB – Campus VI – Caetité – BA. E-mail: sidnayfernandes@hotmail.com.

ANAIS



meanings attributed by Brazilian students to remote teaching and learning in times of pandemic. The specific objectives are in line with the general objective to: i) identify in which discursive formations the speeches of these subjects fall within the immediate context; ii) analyze the formation of such speeches, given that they are always made up of pre-built ones; iii) understand the subject-position occupied by the enunciators of the research in its relation with the real of the language and with the real of history. This study is theoretically guided by the concepts of discursive subject position-subject by Pêcheux (2014) and Orlandi (2012), in the conception of voices and ethos by Maingueneau (2020), in the concepts of event by Orlandi (2015) and Pêcheux (2015), in the concepts of memory and interdiscourse Pêcheux (2014).

Keywords: Student Voices. Discourse-subject (a). Remote learning and teaching.

1 Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar os posicionamentos discursivos de jovens estudantes sobre aprendizado e ensino remoto em tempos de pandemia a partir do nosso arquivo, a pesquisa realizada pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE). Nela são apresentados dados, coletados por meio de questionários e depoimentos dos sujeitos da pesquisa no que se referem a ensino e aprendizado no contexto atual.

Sabe-se que o início do ano letivo é marcado por muito trabalho para professores e professoras, coordenadores pedagógicos e direção escolar. Em 2020, não foi diferente, ele se iniciou cheio de projetos, perspectivas, metas e objetivos para garantir a aprendizagem dos milhares de estudantes brasileiros. Contudo, logo nas primeiras semanas de aulas presenciais esses profissionais e toda a comunidade escolar da nação foram pegos de surpresa pela pandemia da COVID-19, que lhes impôs uma freada brusca em seus fazeres pedagógicos.

Vale destacar que o ano letivo em todo o território nacional tem início em datas diferentes. Em alguns estados ele só começa após o carnaval, como é o caso da Bahia, ou seja, no mês de março. Nesse ínterim, muitos sistemas de ensino estavam vivenciando suas primeiras semanas de aulas presenciais, quando, repentinamente, tiveram que paralisar suas atividades educacionais, pois a pandemia da COVID-19 chegou ao Brasil.

O primeiro posicionamento do Ministério da Educação – MEC sobre os rumos da educação em tempos de pandemia foi a Portaria Nº 343 de 17 de março de 2020, essa tratava apenas da atuação das instituições de ensino superior integrantes do sistema federal de ensino enquanto durar a pandemia da COVID-19. No entanto, nesse espaço-tempo, a educação básica de todo país, respeitando a decretos estaduais e municipais, já se encontrava com suas atividades de ensino-aprendizagem presenciais paralisadas.

A Portaria nº 343 de 17 de março recebeu ajustes e acréscimos por meio das Portarias nº 345, de 19 de março de 2020 e, 356 de 20 de março de 2020. Em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação – CNE veio a público explicar aos sistemas e redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidade, a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta das ações preventivas à propagação da COVID-19. Diante dessas orientações, muitos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação emitiram pareceres e/ou resoluções orientativos sobre o uso de atividades não presenciais e de reorganização do calendário para tentar minimizar os danos ao progresso da aprendizagem do(a)s estudantes de

ANAIS



SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

todo país em caso de longa duração da interrupção das atividades presenciais por conta da pandemia da COVID-19.

E assim, alguns sistemas e redes de ensino de todo país passaram a desenvolver atividades não presenciais, objetivando que seus discentes não parassem e seguissem um ritmo de aprendizagem, no entanto, esse formato de ensino-aprendizagem impõe para professores e professoras, alunos e alunas e suas respectivas famílias muitos e novos desafios, o que culmina por dividir as opiniões destes acerca da real aprendizagem, sua importância e continuidade ou não dessas atividades enquanto durar a pandemia.

Assim, as ações empreendidas pelo CNE E MEC, instituições responsáveis pelas normatizações e orientações para a educação nacional, continuam a ser expedidas e publicizadas constantemente, tendo em vista, que a pandemia da COVID-19 em relação a todas as áreas e, no nosso caso específico, em relação à educação, apresenta muitas incertezas, dentre as quais paira a data de retorno às atividades presenciais e a validade do ano letivo de 2020. Assim, em 1º de abril de 2020, o Governo Federal editou a Medida Provisória nº 934 que estabelece normas específicas para o ano letivo de 2020 da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas de enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.

E em 28 de abril o CNE emitiu o Parecer nº 5/2020, que foi homologado parcialmente pelo ministro da educação e publicado no Diário Oficial da União em 1º de junho de 2020. Este prevê as orientações para o ensino não presencial em todas as etapas e modalidades de ensino enquanto durar a pandemia, citando os possíveis desafios a serem enfrentados pelos sistemas e redes de ensino, bem como, a orientação para reorganização dos calendários escolares e as possibilidades de cômputo das atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima, anual de 800 horas, em razão da pandemia da COVID-19.

Recentemente, o CNE emitiu o Parecer nº 15/2020, de 6 de outubro de 2020, o qual ainda aguarda homologação pelo Ministro da Educação, esse por sua vez, trata das Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Vale ressaltar que este Parecer traz em sua materialidade as orientações acerca das possibilidades de cumprimento da carga horária mínima anual, das formas do planejamento escolar, das avaliações e promoções seriadas dos alunos e alunas, da observância de um *continuum* curricular 2020-2021 e, ainda das competências das secretarias de educação e gestores das instituições escolares, públicas, comunitárias e confessionais quanto ao oferecimento de programas visando a formação da equipe pedagógica e administrativa. Tudo isso alinhado ao que prevê a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB.

Destarte, a pequena narrativa empreendida acima se faz necessária para delinear os gestos interpretativos acerca da posição-sujeito que interpela os discentes em sujeitos discursivos no que se refere ao ensino remoto e aprendizagem em tempos de pandemia, pois, de acordo com Orlandi (2001), a tecnologia apresenta-se rentável o bastante para coordenar os

ANAIS



SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

distintos setores da constituição, produção e circulação de produtos, sistemas e linguagens. Torna-se perceptível que, em tempos de pandemia, fica-se cada vez mais refém dela.

O fato de esse vírus ser uma ameaça à saúde pública modificou o cotidiano de bilhões de pessoas em todo o mundo, desestabilizou a sensação de certeza dominante, mudando algumas regularidades e padrões estabelecidos. Mas a pandemia, não só apresenta surpresas, como também evidencia desigualdades sociais e mau funcionamento estrutural do sistema brasileiro (no que se refere às desigualdades sociais e à área da saúde), quando a principal recomendação sanitária de prevenção à infecção pelo coronavírus (o isolamento social) é inviável para grande parte da população. Nesse sentido, a pesquisa em tela trata a pandemia do novo coronavírus como um acontecimento histórico que provoca deslocamentos na estrutura das redes de filiações (memória discursiva). Segundo Orlandi, o acontecimento no registo do histórico é o que mantém a língua em movimento. (ORLANDI, 2007).

2 A pandemia: do acontecimento histórico aos discursivos

Para Pêcheux, o acontecimento é um “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1990, p. 17). Essa inscrição do externo (memória) na estrutura discursiva pode ser verificada facilmente em discursos que circulam desde o início da crise sanitária, em qualquer tipo e gênero discursivo, considerando o alcance global da crise. Focalizaremos, pois, mais à frente, sobre os dizeres que problematizam as atividades educacionais em tempos de pandemia.

É importante salientar a diferença entre interdiscurso e memória discursiva. Eles devem ser tomados como fenômenos que se articulam. Apesar de os dois se referirem a uma memória social, existem diferenças importantes. Segundo Indursky (2011), a memória discursiva limita-se aos sentidos autorizados por uma formação discursiva - FD específica, aquilo que pode e deve ser dito dentro de uma FD, além disso, ela também diz respeito aos sentidos que devem ser refutados por aquela FD. Enquanto a concepção de memória do interdiscurso é mais ampla, pois ela diz respeito ao complexo de todas as FDs. Ela é totalizante e saturada. A natureza do interdiscurso é, portanto, “reunir todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas. E é por comportar todos os sentidos que ele se distingue da memória discursiva.” (INDURSKY, 2011, p. 86).

Dentro desse contexto pandêmico em que o novo e o velho se unem, os sujeitos afetados pela história (passada e do tempo presente) produzem dizeres sempre afetados pelo contexto, mesmo que inconscientemente. Nas palavras de Orlandi (2015, p. 30): “Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.” Portanto, o campo educacional também foi material e linguisticamente afetado, sendo sempre marcado por outros dizeres sobre a pandemia que circulam.

No Brasil uma discussão muito evocada é sobre o aprendizado em tempos de pandemia: deve-se ou não oferecer o ensino de forma remota? As comunidades escolares (estudantes e professores) têm a estrutura necessária para a realização dessa modalidade? essa

ANAIS



SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

modalidade atende a todos? deve-se manter ou cancelar o Exame Nacional do Ensino Médio?, entre outros questionamentos.

E aqui fica um questionamento: quem fala na pandemia? Podemos, acerca dessa questão, dialogar com a apresentação de Maingueneau, no evento do LEEDiM, em sua live intitulada “Quem fala na pandemia? Notas sobre ethos e porta-voz” (2020). Ele afirma que na pandemia as falas que circulam são as dos peritos (cientistas) e dos políticos. Assim, emerge um questionamento cabal para esta pesquisa especificamente: e no campo educacional, em tempos de pandemia, quem fala?

Nessa perspectiva, destacamos nosso *corpus* que se constitui por dizeres de jovens estudantes brasileiros sobre suas condições de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia. Tais dizeres se materializam na publicação da pesquisa do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus*. Ela almejou “(...) apoiar a construção de políticas baseadas em evidências e sustentadas por um amplo processo de diálogo e articulação social” (CONJUVE, 2020, p.2).

Diante disso, como já mencionado anteriormente, o objetivo desta pesquisa é analisar posicionamentos dos estudantes que participaram da pesquisa do CONJUVE sobre ensino e aprendizagem em tempos de pandemia. E de forma mais específica: i) identificar em que formações discursivas seus discursos se inscrevem; ii) descrever as condições de produção dos acontecimentos discursivos; iii) compreender a formação de tais discursos, dado que os sujeitos discursivos não são os únicos responsáveis por seus dizeres e que são marcados pelo interdiscurso: “(...) aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente.” (ORLANDI, 2015, p.31); e *compreender a posição-sujeito ocupada pelos sujeitos da pesquisa em sua relação com o real da língua e com o real da história*.

Para empreendemos gestos interpretativos das materialidades discursivas dos discentes utilizamos o aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) de linha francesa postulada por Michel Pêcheux (1969, 1975, 1983), segundo a qual a linguagem não é transparente, e sujeitos e sentidos constituem-se simultaneamente, afetados pela ideologia, pela memória e pela história. Os procedimentos metodológicos são: leitura do arquivo; constituição do *corpus* de pesquisa; seleção dos enunciados/sequências discursivas; análise pelo batimento entre descrição, interpretação e teoria. Para tanto, mobilizamos, especialmente, os seguintes conceitos teóricos da AD: discurso, acontecimento, formação discursiva, formação ideológica, forma-sujeito, posição-sujeito, memória discursiva e interdiscurso.

3 Enunciadores da pesquisa do Conjuve: do sujeito empírico ao discursivo

O Conjuve contou com a atuação de 18 jovens que ajudaram a pensar e desenvolver o questionário da pesquisa. Com a metodologia PerguntAção, a pesquisa teve ampla divulgação entre os dias 15 e 31 de maio, e foi constituída por 48 perguntas distribuídas nos blocos: Informação, Hábitos, Educação e aprendizado, Economia, Emprego e renda, Saúde e bem-estar, Contexto e expectativas e Perfil socioeconômico. A pesquisa obteve resposta de 33.668 jovens de todo o país. As perguntas norteadoras da pesquisa foram: “Quais os efeitos da pandemia do novo coronavírus para os jovens brasileiros?” “Como a pandemia afetou seus

ANAIS



SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

hábitos, sua relação com a educação, trabalho, sua situação econômica e sua condição de saúde?” “De que forma a crise provocada pelo Covid-19 influencia suas perspectivas para o futuro?” (CONJUVE, 2020, p. 4).

É importante registrar quem são os jovens que responderam à pesquisa, mesmo que de forma imprecisa, visto que para a AD, importa o lugar social que o sujeito ocupa dentro de sua formação social e ideológica. Porque, como aponta Grigoletto (2005), o sujeito da AD não é o empírico, não é o indivíduo, é o sujeito do discurso, mas que “carrega marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido”. (GRIGOLETTO, 2005, p.1). Ainda segundo Grigoletto (2005), no que se refere a lugar social e lugar discursivo, um não precede o outro eles são mutuamente constitutivos: “O lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso.” (GRIGOLETTO, 2005, p. 6-7).

Desse modo, o lugar do sujeito discursivo é preenchido por aquilo que Pêcheux denomina de forma-sujeito, que é onde está guardado o saber do sujeito e é por meio desse saber, dessa forma-sujeito que o sujeito se identifica e se inscreve em determinada formação discursiva. Mas ao se identificar e se inscrever, o sujeito discursivo, afetado pela ideologia e pelo inconsciente esquece que se inscreveu nessa formação e tem a impressão de ser o único responsável pelo seu dizer. Essa inscrição fica registrada no interdiscurso e se materializa no discurso. O movimento de inscrição e esquecimento, trabalho da ideologia, é o que interpela o indivíduo em sujeito. (PÊCHEUX, 1995).

Pensando nisso, nossos gestos de interpretação estarão atentos aos perfis dos sujeitos discursivos. E assim, é importante salientar que a análise dos dados da pesquisa revelou que os jovens que responderam ao questionário mantêm relação direta ou indireta com instituições voltadas para a juventude, têm o domínio necessário de leitura para a interação com o questionário, dispõem de tempo para isso e acesso à conexão de internet para estarem online.

Por esse motivo, não podemos dizer que esta pesquisa representa os jovens estudantes brasileiros, já que a pesquisa só alcançou quem se enquadra nas condições citadas. Além desses dados, a pesquisa aponta a quantidade de respostas de acordo com as regiões de moradia, gênero, raça/cor, ocupação, participação social, acesso a equipamentos e à internet, entre outros que serão trazidos para a análise dos depoimentos à medida que for necessário.

4 Gestos interpretativos das vozes discentes em tempos de pandemia

Na análise interpretativa dos discursos discentes nos apoiamos no que postula Pêcheux (1997 [1983]) quanto ao referencial teórico específico da AD que trabalha o “batimento” entre descrição e interpretação, sendo a língua sujeita ao equívoco, já que todo enunciado é possível de tornar-se outro e seu sentido derivar-se discursivamente para outro. Nosso *corpus* é composto por quatro sequência discursiva - SD⁴ de discentes constituintes do nosso arquivo, a

⁴ Courtine (2009 [1981], p. 55) define sequências discursivas como sendo “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase”, ao mesmo tempo em que desperta para a variação de sua natureza e forma dos materiais coletados, o que nos permite entender que outras formas materiais, como a imagem, podem constituir uma SD.

ANAIS



SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

pesquisa do Conjuve intitulada *Juventudes e a Pandemia do Coronavírus*, na seção: Educação e aprendizado: recepções sobre o ensino remoto e continuidade de estudos.

SD1: Uma frase que ouvi de estudantes que achei bem forte foi que eles falaram: as instituições de ensino querem que eu aprenda um monte de coisas, sendo que a minha prioridade agora é sobreviver. Eu preciso sobreviver nesse momento, eu não preciso aprender coisa nova, não tem o porquê eu estar focado em conteúdos muitos específicos. (Jovem em oficina de PerguntAção).

Na SD1 acima podemos perceber que o sujeito-discente inicia seu discurso relatando uma frase dita por outros estudantes, “Uma frase que ouvi de estudantes que achei bem forte foi que eles falaram[...]”, à qual ele atribui o sentido indicativo de algo que o impactou, ele emprega o adjetivo forte, intensificado pelo adverbio “bem”, o que desvela que o sujeito do discurso materializado é atravessado pela memória do discurso pedagógico com sentidos já ditos, já definido para o sujeito discente, cujo lugar de atuação deve restringir-se a aprender os conteúdos definidos pela instituição escolar.

Esse enunciado revela ainda o não dito, ou seja, o sujeito-discente não é ouvido “as instituições de ensino querem que eu aprenda um monte de coisas”. Observamos, no fio de seu discurso⁵, que para o sujeito-discente e outros estudantes as atividades desenvolvidas no modelo de ensino remoto, não são algo que eles queiram e, sim, o que é definido pelas instituições, ação essa inscrita na FD dos que pensam a educação e, ele ratifica isso, na frase: “sendo que a minha prioridade agora é sobreviver.”

Nesse enunciado, observa-se que o discurso está atravessado por vozes que falam no sujeito-discursivo, pontuando que sua prioridade agora é sobreviver, instalando-se aí um conflito em relação ao sujeito do capital, para o sujeito-discente, o importante é manter-se vivo agora e depois da pandemia. Esse sujeito-discursivo, mostra-se afetado pelos discursos que visam a defesa da vida.

Esse discurso se inscreve na FD que se opõe à força do capital, que objetiva que todos, independentemente, das condições sigam suas vidas trabalhistas e estudantis como se a pandemia fosse algo natural e que a vida deve seguir o seu “normal”, podemos assim, inferir que o sujeito-discente se inscreve em uma formação discursiva que defende a vida, como condição primeira, posto que ele reafirma “não preciso aprender coisa novas, não tem porque estar focado em conteúdos específicos.” Nota-se assim, que nesse discurso, o sujeito-discente enuncia, marcado pelo interdiscurso, a luta de classes entre a instituição de ensino e o sujeito-discente.(PÊCHEUX, [1975], 2014).

SD2: A gente fez uma transição muito brusca para esse tipo de ensino, e a gente não teve tempos de se preparar para ele... nem em ferramentas, nem emocional. E, aí, acho que a gente saiu atropelando um monte de coisas e esqueceu que muita gente não ia conseguir se adaptar mesmo a esse tipo de ensino e não se organizou para isso porque acho que a prioridade foi: temos

⁵ Pêcheux (2014, p.153) chama “fio do discurso”, enquanto discurso de sujeito a presença da articulação no nível do consciente e certas apostrofes ou incisas que pode representar a irrupção, por um processo inconsciente.

ANAIS



que continuar passando conteúdo e não como as pessoas estão lidando com isso. (Jovem em oficina de PerguntAção).

Na materialidade apresentada na SD2 temos uma posição-sujeito de rejeição e crítica à forma como o ensino remoto foi implementado. Verificamos que o sujeito-discente na sequência do enunciado se posiciona fornecendo elementos que integram FDs constituídas, nas relações de classes, aqui, as instituições escolares e os discentes, como podemos emitir um gesto interpretativo a partir de: “[...] e esqueceu que muita gente não ia conseguir se adaptar mesmo a esse tipo de ensino e não se organizou para isso[...]”.

Constatamos que o sujeito-discente se coloca como sujeito do discurso que pensou e organizou essa transição, ou seja, o discurso pedagógico-administrativo, deixando escapar, marcado pelo inconsciente, a presença do interdiscurso, posto que nesse enunciado o verbo esquecer seguido da oração “que muita gente não ia conseguir se adaptar mesmo a esse tipo de ensino,” acrescida da coordenada aditiva “e não se organizou”, aponta para uma (re)afirmação dessa posição-sujeito.

Assim, podemos perceber que as formações discursivas não são homogêneas, mas heterogêneas, pois como afirma Orlandi (2000, p. 42) “[...] é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.”

Ao analisar o último trecho que compõe a SD2, “porque acho que a prioridade foi: temos que continuar passando conteúdo e não como as pessoas estão lidando com isso.” Tomamos como gesto interpretativo que o sujeito do discurso materializado na SD2 é mais uma vez atravessado pela memória do discurso institucional com sentidos já-ditos para a figura do discente, cujo lugar de atuação, é o de estudante que deve aprender conteúdos para assim garantir o *status quo* da instituição escolar como transmissora de geração em geração dos sentidos legitimados pela sociedade.

Althusser, em seu *Aparelhos Ideológicos de Estado*, posiciona a escola como mantenedora do poder vigente, um aparelho de Estado dominante. Contudo, o sujeito-discente nesse trecho toma a posição-sujeito de rejeição a essa FD, uma vez que, materializa no discurso que a prioridade foi continuar com os conteúdos, desconsiderando como as pessoas estão lidando com o ensino remoto, tanto em relação às ferramentas como emocionalmente, posto que ele retoma esses aspectos já evidenciados na enunciação por meio do pronome demonstrativo *isso*.

SD3: E essa desigualdade? Quem tem internet, sua casa confortável, não tem esse trauma que está na cabeça, esse medo de alguém pegar esse vírus...tá num aconchego tudo. Essa desigualdade tá mais, como posso dizer, tá mais acobertado, tá mais relaxado, do que nós que estamos lutando para entrar na faculdade, que uma tia, uma mãe ou um irmão morreu e os familiares estão em cima botando pressão... (Jovem em oficina de PerguntAção).

O sujeito da SD3 produz, em seu dizer, um efeito de comparação de situações sociais de diferentes classes em meio ao contexto de pandemia mundial. E se coloca no lugar de não

ANAIS



SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

privilégio, ao mesmo tempo em que questiona o principal meio de sustento do capitalismo, a desigualdade social. A luta de classes, assim, determina e se expressa nos processos discursivos, sendo ela própria parte constitutiva desses processos, ainda que não compareça de forma explícita.

Ao buscar compreender a formulação desse dizer, que não é transparente, observa-se que ele está atravessado por discursos outros de diferentes formações discursivas, por isso entende-se que o lugar de memória desse dizer é o interdiscurso. No caso desse enunciado, estão armazenados discursos que significam de modo a fortalecer o mito da meritocracia, a ideia de que para crescer intelectual ou economicamente, basta que o indivíduo se esforce, esse sentindo, por sua vez, é constituído pelo silenciamento constitutivo das causas materiais da sociedade capitalista, assim, essa é uma formação discursiva com a qual o enunciador da SD3 não se identifica, ele se opõe a ela, mas ela está presente por meio do interdiscurso, como aponta Indursky (2011), “tudo o que já foi dito se inscreve no interdiscurso e, se isso ocorre é porque o interdiscurso constitui-se de um complexo de formações discursivas” (p. 86).

Em outros termos, mesmo que o sujeito não se identifique com tal formação discursiva, ela está presente no interdiscurso e é materializada em seus dizeres para ser questionada. Indursky (2011) também salienta que a memória discursiva não regula apenas o que pode e deve ser dito, como também aquilo que deve ser refutado, de maneira que, no caso do nosso sujeito discursivo, ele, enquanto sujeito social que se vê no lugar de não privilégio, parece que é regulado pela FD em que ele se inscreve a reproduzir sentidos que legitime a ideia de mérito.

Além de questionar as condições materiais, ele também questiona as condições psicológicas, quando se mostra na posição de quem perdeu familiares para a Covid-19 e de quem está vivendo um trauma. Cabe aqui problematizar: para quem são as medidas do “novo normal”? Parece-nos que para quem não está sendo diretamente afetado pela crise sanitária, econômica e psicológica, para quem não está perdendo vidas.

SD4: “E agora? Eu quero estudar para o ENEM, eu quero entrar na faculdade, mas a minha família fica com essa pressão porque minha tia, meu familiar morreu por conta dessa pandemia. Eles estão com medo que eu pegue esse vírus onde eu for fazer essa prova, não sei.” “Existe uma desigualdade nessa questão do ENEM. Ele foi adiado, mas as pessoas ainda não sabem quando de fato vai retornar e ainda tem um certo medo no ar de não estar preparado.” “Não tem segurança de como vai ser!”

(Jovem em oficina de PerguntAção).

O enunciado da SD4 se mostra em consonância com o dizer da SD3, ambos estão inscritos na mesma formação discursiva, não meritocrática. Eles problematizam as condições materiais e psicológicas para a continuação dos estudos dentro deste contexto caótico instalado pela pandemia do novo coronavírus e ainda dentro da crise do capitalismo que já estava acontecendo muito antes do surgimento dessa nova doença. Destarte, cabe ressaltar que a crise provocada pelo novo coronavírus não é o único fator que se apresenta como condições de produção desses dizeres, a crise do capitalismo é uma de suas principais condições de

ANAIS



produção, enquanto a pandemia é um agravante que trouxe à tona as inúmeras falhas desse sistema.

No início da pandemia, Santos (2020, p.5) desenvolveu uma reflexão sobre isso, “Desde a década de 1980– à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro, o mundo tem vivido em permanente estado de crise” (2020, p.5). E acrescenta que uma crise passageira (por exemplo, a da covid-19) precisa de fatores que a expliquem, enquanto uma crise permanente (como a do capitalismo) torna-se a causa e a explicação de tudo. Por isso, entendemos que todos os discursos são afetados direta ou indiretamente pelas lutas de classes.

5 Considerações finais

Com as análises empreendidas, verificamos relações interdiscursivas muito presentes nos dizeres dos estudantes, pois, mesmo que de forma não dita, recuperam da memória discursiva e do interdiscurso diferentes dizeres, que são às vezes antagônicos: os que se preocupam com a manutenção da vida e os que se preocupam com a manutenção do ensino e da economia. Tal fenômeno ocorre por meio do acontecimento histórico que provoca acontecimentos discursivos que, por sua vez, produzem deslocamentos nas redes de filiações, ou seja, na memória social coletiva. Então, tais sujeitos estão atravessados por esses dizeres, e na maioria dos posicionamentos analisados, eles tendem a se identificar mais com os discursos que apresentam a manutenção da vida como primeira necessidade.

Assim, verificamos também que os discursos analisados são regulares, filiam-se ambos à formação discursiva que aloca dizeres que vão contra a ideia de meritocracia e de que para não se parar na pandemia, basta querer. E em seus discursos, os discentes enquanto sujeitos discursivos marcam seu lugar social de não privilégio. Isso mostra que todos os dizeres são atravessados pelas lutas de classes. Orlandi (2015) faz um questionamento importante para este estudo: “por que somos afetados por certos sentidos e não outros?” e responde: “(...) certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 34) e acrescentamos que também pelo nosso lugar social.

Além disso, em relação à pergunta feita no início deste trabalho: quem fala na pandemia no campo educacional?, em diálogo com as decisões tomadas nos pareceres mencionados, revela-se que ainda que os estudantes falem na pandemia, não são ouvidos. O que pesa na hora de tomar as grandes decisões são os posicionamentos dos especialistas da educação e a força do capital.

6 Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.** Parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de

ANAIS



SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

abril de 2020. Homologação publicada no DOU 01/06/2020, Seção 1, p. 32. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2020, que tratou da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.** Parecer CNE/CP nº 9/2020, aprovado em 28 de abril de 2020.

Homologação publicada no DOU 09/07/2020, Seção 1, p. 129. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.** Parecer CNE/CP nº 15/2020, de 6 out. de 2020. Aguardando

homologação publicada. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19.** Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Publicada no DOU em: 18/03/2020, Edição: 53, Seção: 1, p.39. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020.** Portaria nº 345, de 19 de março de 2020. Publicada no DOU em: 19/03/2020, Edição: 54-D, Seção: 1- Extra, p.1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Dispõe sobre a atuação dos alunos dos cursos da área de saúde no combate à pandemia do COVID-19 (coronavírus).** Portaria nº 356, de 20 de março de 2020. Publicada no DOU em: 20/03/2020, Edição Extra, Seção 1 p.1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Lei nº9394/96. LDB – **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 1996.

CONJUVE. **Juventudes e a pandemia do coronavírus.** 2020. Editores, 2007.

COURTINE, J.J. (1981). **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. Trad. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso. UFRGS, 2005, Porto Alegre.

ANAIS



SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO

09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina

Universidade
Estadual de Goiás

Anais eletrônico. Porto Alegre: ERFGS, 2005, p. 154-164. Disponível em: www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/.../Evandra_Grigoletto.pdf. Acesso em: 12 de outubro de 2020

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F; MITTMAN, S; FERREIRA, M.C.L. **Memória e história na/da análise do discurso.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.

MAINGUENEAU, Dominique. **“Quem fala na pandemia? Notas sobre ethos e portavoz”.** 2020. Publicado na página do LEEDiM da Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <https://www.facebook.com/leedim.ufscar/videos/1028161050913072/>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 12^a ed, Campinas: Pontes Editores. 2015.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto:** formulações e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do simbólico. 5^a ed., Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio e dos sentidos.** 6^a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. (1969). Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. (1969); FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). Trad. Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014. p. 159-250.

PÊCHEUX, M. (1983). A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014a. p. 307-315.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 5^a ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.

ANAIS



I SIELLI Simpósio Internacional de Ensino de Língua,
Literatura e Interculturalidade

XIX ENCONTRO DE LETRAS

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO EM TEMPOS DE RESSIGNIFICAÇÃO
09 a 13 de novembro de 2020



POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE



Licenciatura em Letras:
Português/Inglês



Câmpus
Cora Coralina **Universidade
Estadual de Goiás**

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. ISBN 978-972-40-8496-1, CDU 347. 2020.